

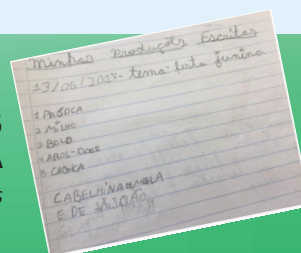


#VacinaParaTodos

DESTAQUE

SONDAGEM ESCRITA: POSSIBILIDADES
DE PESQUISA NA SALA DE AULA

MARISTELA SILVA DE FREITAS



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 12 Janeiro de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio R. P. Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Isac Pereira dos Santos
Ivete Irene dos Santos
Manuel Francisco Neto (**Angola**)
Patrícia Tanganelli Lara
Thais Thomaz Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho
Vilma Maria da Silva

Organização:

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS)

Alexandre Passos Bitencourt
Anna Caroliny Lima Kecek Ruiz
Cleide Aparecida Costa
José Jerónimo Cassumala
Katia Aparecida Oliveira Costa
Kelly da Cruz Bianchini
Maria Vanuzia de Lima Santos
Marcia Minami
Maristela Silva de Freitas
Vilma Maria da Silva

Editor Responsável:
Antônio R. P. Medrado

Coordenação editorial:
Ana Paula de Lima
Isac dos Santos Pereira
Ivete Irene dos Santos
Manuel Francisco Neto (Angola)
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:
Prof. Me. Adelson Batista Lins
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Profa. Me. Ivete Irene dos Santos
Profa. Me. Jaqueline Oliveira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Edição, Web-edição e projetos:
Antonio R. P. Medrado
Lee Anthony Medrado

Bibliotecária:
Patrícia Martins da Silva Rede

Contatos
Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
<https://primeiraevolucao.com.br>
São Paulo-SP - Brasil

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Publicada por:

Edições
Livro Alternativo

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 12 (jan. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2020.

74 p. : il. color
Bibliografia
Mensal
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

www.primeiraevolucao.com.br

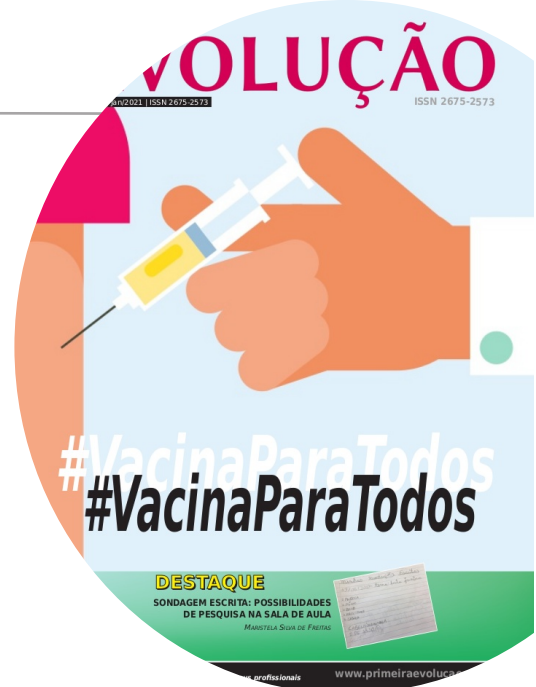
05 APRESENTAÇÃO Profa. Vilma Maria da Silva

COLUNAS

8 Refletir sobre as pessoas, respeitar a diversidade e vivenciar a inclusão

11 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

73 POIESIS



ARTIGOS

MÍDIA-EDUCAÇÃO NA INTERFACE COM TECNOLOGIAS DIGITAIS

Alexandre Passos Bitencourt

15

PSICOMOTRICIDADE E A IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO

Anna Carolyn Lima Kecek Ruiz

25

A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cleide Aparecida Costa

29

A QUALIDADE DO PROFESSOR ANGOLANO

José Jerónimo Cassumala

35

A HISTÓRIA DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS

Katia Aparecida Oliveira Costa

39

PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS SOBRE O AUTISMO

Kelly da Cruz Bianchini

43

A ESCOLA E ESTÍMULOS DOS CONTOS DE FADAS

Marcia Minami

51

A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Maria Vanuzia de Lima Santos

57

★ SONDAGEM ESCRITA: POSSIBILIDADES DE PESQUISA NA SALA DE AULA

Maristela Silva de Freitas

63

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA

Vilma Maria da Silva

69

PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS SOBRE O AUTISMO

KELLY DA CRUZ BIANCHINI

RESUMO: O autismo atualmente vem sendo questionado por muitos educadores no contexto pedagógico, a fim de ser compreendido em determinadas ações, seja no aprendizado ou vivências dentro da escola, assim a intenção da pesquisa e embasamento teórico é se aprofundar nesse distúrbio de desenvolvimento dentro da sala de aula, nas diversas formas de conhecer as necessidades e atendê-las. Orrú (2012) e Mello (2007) foram escolhidos para contribuir com o contexto geral dessa pesquisa científica, fortalecendo sobre o quanto é possível criar e recriar estratégias significativas a favor da criança portadora do autismo.

Palavras-chave: Criança. Professor. Autismo. Estratégias. Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Quando se fala de autismo ainda existe o preconceito e a falta de compreensão, julgando-se tanto pelos pais como aos profissionais da educação um transtorno de desenvolvimento complexo. Ao longo da profissão ou até mesmo em palestras, cursos, graduações e pós-graduações, as falas de professores ou futuros pedagogos em formação muitas vezes são sempre as mesmas, estampando o medo de ter uma criança autista em sala de aula, afirmando não estarem preparados e pontuando o número alto de alunos a serem atendidos por uma única pessoa.

Torna-se importante levantar na pesquisa científica os fatores positivos a ser trabalhado diante do autismo, evidenciar que o professor pode suprir uma boa parte da necessidade dessa criança e que há diferentes maneiras de pensar em criar estratégias.

A troca de experiência por meio do conhecimento entre os profissionais da educação contribuem em ações que atenda a todos, assim, uma pesquisa elaborada, pensando em dividir dúvidas, esclarecimentos e muitas vezes soluções, facilitará no olhar que é preciso ter sobre o autismo, um olhar criterioso, pedagógico é baseado em respeito às condições de aprendizagem dessas crianças.

Os medos, angústias e anseios são os principais pontos que levam a todo o contexto da pesquisa, ambos são presentes nas vi-

vências dos professores, sendo na maior parte o que impedem a execução de um bom trabalho educacional. Os capítulos serão em função do professor e o autismo, na criação de propostas, no modo de como se oferece, nas estratégias de comunicação e na aprendizagem diante do transtorno de desenvolvimento.

UM OLHAR SOBRE O AUTISMO

O processo de conhecimento e aceitação do autismo vem sendo questionado há anos, se tornando diversificado em diferentes olhares, seja ele na família, sociedade e escola. Assim, avaliamos a importância de aprender sobre o autismo e refletimos sobre o mesmo.

O autismo é um distúrbio neurológico desconhecido geralmente pelos pais e professores que tende a conviver com uma criança autista, os primeiros sinais já podem causar uma forte negação em procurar por um diagnóstico, de compreender de fato as necessidades e como é possível conviver com todas.

Autismo é uma palavra de origem grega (autós), que significa por si mesmo. É um termo usado, dentro da psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmo, voltados para o próprio indivíduo (ORRÚ, 2012, p.17). A criança já desde pequena requer atenção e cuidado, observar suas ações e buscar conhecer seu comportamento facilitará a todos que estão a sua

volta, entender o que ela precisa para estar bem.

O autismo é observação, atenção e ajuda, como toda criança, a que tem transtorno de desenvolvimento precisa ser favorecida, respeitando seus limites e habilidades. Falar sobre o autismo com as famílias e profissionais da educação ainda é algo cuidadoso, já se inicia um breve preconceito dentro de casa, muitos pais e responsáveis não querem admitir qualquer tipo de diagnóstico, passando por cima da necessidade dessa criança em ser respeitada como um indivíduo que aprende e que se desenvolve com suas limitações.

O medo de saber o que é autismo é tão evidente, que vem sendo repassado desde antigamente até nossa atualidade, seguindo da família até a sociedade, porém, sabemos que dentro de casa elas são resguardadas e envolvidas em muito amor, já na sociedade o que esperamos e na maior parte o preconceito e o sofrimento dessas crianças. Mello (2007, p.11) pontua que:

Atualmente, embora o autismo seja bem mais conhecido, tendo inclusive sido tema de vários filmes de sucesso, ele ainda surpreende pela diversidade de características que pode apresentar e pelo fato de, na maioria das vezes, a criança que tem autismo ter uma aparência totalmente normal (MELLO, 2007, p.11).

O olhar sobre o autismo ainda tem sido angustiante, infelizmente há um comprometimento no desenvolvimento de uma criança com o transtorno, porém não existe nenhuma comprovação de que ela possa ser impedida de aprender e ter acesso ao conhecimento, de fato todas as construções estabelecidas em casa e na escola são de total apoio ao autista, favorecendo e estimulando diferentes áreas a serem exploradas pelo mesmo, assim, o ponto pé inicial é a aceitação, quando aceita-se e busca-se entender, a criança será permitida a se desenvolver mesmo por meio de suas limitações (MELLO, 2007, p.11).

Na pedagogia ainda existe um olhar diferenciado também para o autismo, não são todos os profissionais, mas uma boa parcela deles não quer um aluno autista na sala de aula, compreendemos que todo esse receio é por não saber as possibilidades de estratégias que podem ser utilizadas e o quão importante é o trabalho dele para contribuir ao desenvolvimento do mesmo. Os educadores alegam que

não são preparados em formações acadêmicas e que não tem estruturas pedagógicas para atender, o que não deixa de ser a verdade da nossa atual educação. Mendes (2010, p.57) destaca que:

Em resumo, os estudos sobre o impacto da inclusão indicam que a participação e pertinência da criança com necessidades educacionais especiais é a variável chave e ela depende de atividades específicas que são dirigidas ou mediadas pelo professor. Assim, os professores precisam considerar que a deficiência é apenas mais uma das características que compõem a diversidade na escola (MENDES, 2010, p.57).

CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

Atualmente não existe um diagnóstico preciso sobre o autista, em diferentes crianças, o mesmo pode ser apresentar em várias formas, seja no comportamento, nas ações diárias, alimentação e sentimentos.

O autismo tem uma série de descrições que mães e pais relatam, podendo ser percebido desde os primeiros meses de vida ou somente quando a criança cresce (MENDES, 2010).

Dentro de casa se inicia as demonstrações de diferença no desenvolvimento ou na alimentação, não aceitando todos os tipos de alimento, talvez maiores ou sólidos.

Não é viável comparar o desenvolvimento de um bebê com outro, mas no caso do autismo as comparações vão sendo percebidas, no caminhar, no falar, no pegar, no brincar, no demonstrar sentimentos. Mello (2007, p.18) ressalta que:

normalmente, o que chama a atenção dos pais inicialmente é que a criança é excessivamente calma e sonolenta ou então que chora sem consolo durante prolongados períodos de tempo. uma queixa frequentemente dos pais é que o bebê não gosta do colo ou rejeita o aconchego. mais tarde os pais notaram que o bebê não imita, não aponta no sentido de compartilhar sentimentos ou sensações e não aprende a se comunicar com gestos comumente observados na maioria dos bebês, como acenar as mãos para cumprimentar ou despedir-se (MELLO, 2007, p.18).

Na escola o olhar do professor tem um papel fundamental neste processo de descobertas do comportamento dos autistas, muitas vezes é na educação infantil que professores e famílias dão início à investigação do diagnóstico sobre o transtorno de desenvolvimento. Durante a trajetória da criança em uma unidade educacional, torna-se possível acompanhar sua aprendizagem e observando as verdadeiras necessidades.

O acompanhamento desta criança permitirá vivenciar diferentes comportamentos e ações, assim muitos educadores relatam que suas experiências com autistas foram intensas, desde o mais agressivo ao mais tranquilo, talvez facilitando na aprendizagem ou dificultando a mesma. Mello (2007, p.20) pontua que:

Portanto, dentro de uma grande variação possível na severidade do autismo, poderemos encontrar uma criança sem linguagem verbal e com dificuldade na comunicação por qualquer outra via- isto inclui ausência de uso de gestos ou um uso muito precário dos mesmos; ausência de expressão facial ou expressão facial incompreensível para os outros e assim por diante [...], (MELLO, 2007, p.20).

Neste contexto de comportamento que estão os medos dos professores, dividir uma sala de aula com um número alto de crianças e conseguir lidar com tais diversidades de ações atualmente, assusta. O autista tem todo direito a educação e uma acessibilidade de inclusão, mas infelizmente não é isso que está sendo garantido, de fato as limitações, explosões de sentimento e paciência que eles exigem foge do alcance do profissional em sala de aula (MELLO, 2007).

Diagnosticar algo, que muitas vezes não é desejado, não é esperado e em certos casos não é aceito, pode trazer ainda mais dificuldades para os autistas. A família que fecha os olhos, conseqüentemente estimula o preconceito dentro e fora de casa, impossibilita esta criança de ter acesso aos seus direitos e de se torna um cidadão como todos os outros (MELLO, 2007, p. 22).

O autismo é diagnosticado por meios clínicos, mas também pode se iniciar por meio da observação da família ou do educador que trabalhe com essa criança, desse modo sabe-se que algumas já demonstram sinais desde

os primeiros meses de vida, porém em algumas situações só é percebido quando a criança está maior e frequentando o ambiente escolar.

Mello (2007, p. 22) traz que: “O diagnóstico de autismo é feito basicamente através da avaliação do quadro clínico. Não existem testes laboratoriais específicos para a detecção do autismo. Por isso, diz-se que o autismo não apresenta um marcador biológico”. Dentro de casa a criança pode demonstrar certas ações que devem chamar atenção dos familiares, mas que também podem passar despercebidos.

Quando essa mesma criança é inserida na escola sem ser diagnosticada, dificulta em todo processo de adaptação e aprendizagem, será por meio de tentativas e observações do professor que o autismo irá ser notado, mas é importante entender que até o educador compreender esse comportamento, há inúmeras insatisfações e falta de estímulo tanto para a criança como para o profissional em sala (MELLO, 2007, p. 22).

Se o pré-diagnóstico for da unidade escolar, será enfrentado outro processo de aceitação pela família, durante a profissão do educador uma das queixas é a participação de muitos responsáveis na vida educacional dos alunos, falta de comunicação e parceria, partindo desse ponto de vista relatar um breve diagnóstico pode não ser aceito ou muitas vezes contestado. O diagnóstico de fato é o maior passo a ser dado pelas famílias e uma grande orientação pelos profissionais da educação. A criança com autismo quando diagnosticada conseguirá ter acessibilidade as suas principais necessidades, sendo respeitada e incluída a sociedade. Mello (2007, p. 32) declara as famílias que:

É natural que o momento do diagnóstico de autismo seja um momento doloroso. Nesta hora, você não está perdendo fisicamente seu filho, mas está perdendo, com certeza, parte de seus sonhos e planos para seu filho, o que é extremamente doloroso. Com o tempo você vai criar novos sonhos e outros objetivos vão surgir, tão importantes e desafiadores como os primeiros; mas no início é importante permitir-se desmoronar (MELLO, 2007, p. 32).

Apresentam-se os caminhos da pesquisa, indicando a metodologia escolhida, os parti-

participantes desse processo, contextos e pontos relevantes utilizados para os objetivos propostos.

Esta pesquisa científica tem como base a bibliográfica e a de campo: pautada em autores e experiências de professores na educação autistas, é possível refletir sobre as ações dentro de sala de aula, a fim de compreender o que deve ser feito e como se pode criar diferentes estratégias para atender essa criança.

Em uma abordagem descritiva a pesquisa fortalecerá a capacidade do educador em trazer conteúdos importantes e essenciais em aulas e que a aprendizagem com crianças autistas acontecem a todo o momento e mesmo quando se tornar difícil criar estratégias, os resultados serão satisfatórios e automaticamente impulsiona a criatividade em oferecer ainda mais possibilidades.

A pesquisa que como aportes os trabalhos de Mello (2007) e Orrú (2012) que nos permite compreender o autismo por meio de experiências e vivências, ressaltando um contexto significativo para famílias e profissionais da educação que buscam aprender mais de perto sobre esse transtorno de desenvolvimento.

Assim, para descrição da pesquisa sobre o autismo e a pedagogia, foram observados dois professores em sala com crianças autistas, dando importância às queixas de medo e receio apresentados durante a formação no curso de pedagogia e em outros eventos voltados ao educador (MELLO, 2007) e (ORRÚ, 2012).

É certo que a realidade é muito diferente da teoria, mas quando se compreende o lado do educador, de fato contribuirá para o trabalho de qualidade do mesmo. São inúmeros pontos que fazem o pré-conceito sobre o trabalho com autista existir, porém quando se mostra a qualidade do desempenho que pode ser oferecido para essas crianças e que todo profissional que busca conhecimento é capaz de exercer brilhantemente sua função, as angústias e os bloqueios vão sendo quebrados e abrem-se novas possibilidades de criar o novo.

O PROFESSOR QUE MUDA SUA DIREÇÃO E QUE BUSCA CONHECIMENTO

Durante o curso de pedagogia quase não se houve falar sobre o trabalho pedagógico com o autista, pra falar verdade em muitas graduações o autismo é contextualizado basicamente, fazendo com que o educador sai to-

talmente despreparado e com o “medo” de não conseguir atender um aluno com autismo. A educação vem sofrendo diversas transformações e sonhamos com a melhoria na formação acadêmica dos profissionais da educação, que necessitam de uma preparação mais qualificada e de suporte para suprir quaisquer que sejam as necessidades. Carneiro (2012, p.83) ressalta que:

[...] a concepção de educação inclusiva tem se fortalecido no sentido de que a escola tem que se abrir para a diversidade, acolhê-la, respeitá-la e, acima de tudo, valorizá-la como elemento fundamental na constituição de uma sociedade democrática e justa. Essa concepção pressupõe que a escola busque caminhos para se reorganizar de forma a atender todos os alunos, inclusive os com deficiência, cumprindo seu papel social (CARNEIRO, 2012, p.83).

O educador que está sempre em busca de aprender, ler e se basear em conteúdos significativos, conseguirá enfrentar os dilemas que a sala de aula traz diariamente. O medo de ter que ensinar o autista pode estar ligado à falta de formação, mas também pode existir a falta de interesse em querer vivenciar essa experiência, estamos todos cientes que a sala de aula na prática assusta e requer muito do profissional, porém a escolha da educação requer a busca ao conhecimento dia após dia, se adequando a uma nova rotina (CARNEIRO, 2012).

Como falado anteriormente, o autista tem diferentes comportamentos e necessidades, assim o trabalho do professor tem funções flexíveis, de modo a contemplar a aprendizagem e desenvolvimento dessa criança. Os futuros educadores e veteranos devem buscar atender as principais dificuldades do autista, facilitando a convivência na escola e com o restante da turma. Cunha (2012, p.60) descreve que:

É normal a criança com autismo tentar esquivar-se para fugir ou até irritar se e usar de birras para não fazer o que é pedido. É importante que a atitude do adulto não valorize essas reações, mas direcione, de forma lúdica, atenção da criança para a atividade (CUNHA, 2012, p. 60).

Já que estamos pontuando o comportamento, o professor tem possibilidades de cri-

ar estratégias para a melhoria e qualificação do mesmo, ensinar e observar o que seja o mais difícil para essa criança executar, dentro da sala de aula, com um número grande de crianças os comportamentos podem ser analisados e assim pode se criar maneiras diversificadas de atender essas necessidades. Mello (2007, p. 37) descreve que:

A resposta adequada da criança tem como consequência a ocorrência de algo agradável para ela, o que na prática é uma recompensa. Quando a recompensa é utilizada de forma consistente, a criança tende a repetir a mesma resposta. O primeiro ponto importante é tornar o aprendizado agradável para a criança. O segundo ponto é ensinar a criança a identificar os diferentes estímulos (MELLO, 2007, p. 37).

A intenção não é comparar um tratamento ao trabalho pedagógico, é de fato relatar que o comportamento pode ser estudado, melhorado e estimulado durante o processo de escolarização do autista. Que o educador tem a liberdade de ir à busca de novos métodos para ajudar no seu trabalho e no desenvolvimento do autista.

Piaget (1995, apud Daniels, 2003) destaca a relevância do caráter social:

[...] acreditamos que a vida social é uma condição necessária para o desenvolvimento da lógica. Acreditamos, assim, que a vida social transforma a natureza mesma do indivíduo, fazendo-o passar de um estado autista para um [estado] que envolve a personalidade. Ao falar de cooperação, portanto, compreendemos um processo que cria novas realidades e não uma mera troca entre indivíduos totalmente desenvolvidos (PIAGET, 1995, p. 210 apud DANIELS, 2003, p. 55).

Sabe-se que o desenvolvimento dessa criança é tardio e que é necessário mais do que estímulos, mas acompanhamento a favor de permitir que ela apresente resultados significativos sobre sua consciência. Estudar e compreender como é possível o educador intervir a esse processo poderão facilitar na convivência diária do autista na escola (PIAGET, 1995, p. 210 apud DANIELS, 2003, p. 55).

Não é uma tarefa simples e que ocorrerá de um dia para o outro, exige tempo, aju-

da da família e da unidade escolar, um estímulo que levará muitos estudos, é entender que o mundo que vivemos é estranho para a criança com autismo, que ela passará a conviver com costumes e regras que não são conhecidas.

Gomes e Nunes (2014, p.145) ressaltam que: [...] a proximidade física com os colegas, a dificuldade em aprender regras sociais, a falta de compreensão de instruções verbais ou a incapacidade em utilizar a linguagem falada podem representar desafios para essa população. A comunicação é algo que pode ser estimulada e ampliada.

Não existe um método específico, porém o professor com base em observações tem a possibilidade de procurar contemplar durante uma proposta a comunicação dessa criança, buscando um jeito simples, prático e confortável. Dentro desses estímulos os demais alunos podem ser incluídos a contribuir para essa conquista, envolvendo uma brincadeira adaptada ou uma atividade elaborada em sala (GOMES; NUNES, 2014, p.145)

O contato com diferentes materiais é um processo novo ao autista, o estímulo a essas habilidades são feitos diariamente em sala de aula junto com as crianças, o professor pode encontrar diferentes maneiras de atender a necessidade do autista em participar, ter contato com diferentes materiais e objetos. É preciso a observação do que não seja negativo para eles, buscando aprimorar ou oferecendo o que realmente facilitará no processo de aprendizagem. Wajskop (2005, p.35) traz que:

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos (WAJSKOP, 2005, p.35).

As brincadeiras ao ar livre, as aulas que permitam os movimentos, os exercícios são desafiadores e têm a capacidade de permitir um grande avanço no desenvolvimento do autista, eles são fáceis de ser oferecidos e pode atender boa parte da necessidade do autista de extravasar seus sentimentos. Como é compreensivo que há uma série de comportamentos diferenciados, é possível que seja necessário primeiro o estímulo a essa partici-

pação, para depois surgir resultados (WAJSKOP, 2005, p.35).

Importante o educador pesquisar para salientar os objetivos durante a aprendizagem, as conquistas e resultados concretos serão adquiridos com o tempo, paciência e perseverança são os principais aliados, são neles que o professor precisa se agarrar para conseguir alcançar o que o autista necessita. A atenção e o cuidado são fundamentais para proporcionar atividades que contribuem ao seu crescimento (WAJSKOP, 2005).

As rotinas são favoráveis para o autista, nela o professor pode criar e procurar estratégias que permitam facilitar a vida dele dentro da escola, importante também que sejam provocadas mudanças durante o que o autista já está acostumado a fazer, assim, o aprendizado vai se tornando ainda mais eficaz, é necessário ir adaptando o autista as diferenças nos horários ou atividades, para não haver um comportamento de negatividade quando ele precisar passar por esse processo em outros ambientes ou até mesmo em sala de aula (WAJSKOP, 2005).

Fica fácil de compreender que o trabalho do professor pode ir além do medo e que ainda precisa ser mais assistido, que a educação necessita passar por muitas mudanças e que as crianças devem ter muito mais direitos a acessibilidade e inclusão. Porém, nós como educadores ou futuros, temos que entender a nossa importância na sala de aula e que somos capazes de ensinar e aprender também com uma criança seja ela autista ou com outra necessidade especial.

Que a busca por conhecimento e novas estratégias faça parte da profissão e que seja constante, priorizando aos nossos alunos. Assim como os médicos precisam conhecer os novos medicamentos, os grandes educadores devem sempre conhecer meios de promover “educação”. Conforme defendido por Carvalho (2010, p.148):

A inclusão é possível, necessária e desejável. Para que dê certo, sem que se criem núcleos de exclusão, ou exclusão na inclusão, faz-se necessário que sejam removidas todas as barreiras. Para tanto precisamos conhecê-las. E a pesquisa é estratégia indispensável na consecução do objetivo de evoluirmos para uma escola para todos, com todos, por toda a vida. Uma escola que ofereça respostas educativas de boa qualidade,

com a intenção de favorecer o desenvolvimento pleno do cidadão, contido em cada aluno. Entendo que a metodologia do estudo de caso pode nos auxiliar nesse propósito (CARVALHO, 2010, p.148).

Fica evidente a importância do conhecimento do professor para oferecer um trabalho de qualidade aos alunos. O autismo faz parte da sociedade, faz parte da escola e faz parte da profissão de educador, não se pode fugir de ensinar, fugir de aprender a ensinar, não é uma questão de escolha, de vontades ou desejos, o educador tem um papel importante na vida social do aluno, é necessário a atenção e o cuidado na construção de conhecimento e no desenvolvimento dessas crianças.

A espera por reconhecimento ou por auxílio muitas vezes é o motivo do mau desempenho de muitos alunos, os professores devem sim sempre reivindicar posturas educativas, mas jamais deixando de lado seu poder em exercer a profissão que forma cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as grandes mudanças que precisam ser feitas dentro da educação inclusiva, atendendo a todos de fato por igualdade e acessibilidade, valorização do trabalho do professor como o ponto de partida principal para se alcançar o desenvolvimento dentro da escola, é possível acreditar que aos poucos estamos avançando.

Diante da pesquisa a intenção está em da visibilidade a capacidade do educador em criar meios para ressignificar seu trabalho, mesmo que em partes não exista apoio ao profissional em sala de aula. Contudo existe a necessidade do comprometimento dos educadores em doar-se ao máximo em prol ao atendimento de todas as crianças, refletindo na prática, no que pode ser mudado e adaptado para contemplar em todos os sentidos.

O educador pode e deve recorrer às famílias, a parte administrativa da escola, a apoios educacionais de outras instituições. A pesquisa buscou a reflexão do trabalho pedagógico a favor do autismo e a capacidade do educador em aprimorar suas estratégias educacionais, sabe-se que o professor precisa de qualificação durante formações, porém a busca por conhecimento revigora qualquer trabalho e contribui não somente para o próximo,

mais principalmente para quem se permite aprender.

No levantamento de possibilidades de estratégias pedagógicas para o autista, houve destaque em proporcionar aprendizagem e contribuir ao desenvolvimento com ações do próprio autista, ganhando visibilidade em olhar o comportamento, as reações, os movimentos, adaptações na rotina e no oferecimento de atividades.

Quando se refere ao medo do educador em ter um autista na sala de aula, não se julga a todos, mas uma boa parte de educadores formados e os que estão em formação. Esse sentimento vem partindo do princípio de não ter estruturas acadêmicas e suporte necessário para desenvolver e ensinar uma criança com autismo compreende-se a defasagem na nossa educação, porém prega-se que o professor é fonte de conhecimento, ele tem o potencial de oferecer novas fontes de aprendizagem, assim se faz a pesquisa, permite ao professor um novo olhar pedagógico e uma nova capacidade de fazer a diferença.

A busca por autores que completasse o tema contribui na compreensão de uma visão voltada para uma criança autista em tempos de estar na escola, as vivências e experiências de outras educadoras foram mais do que fundamentais para expressar o papel do pedagogo que busca conhecimento e maneiras de exercer um trabalho completo. As observações na prática são fontes importantes e valiosas para abordagem do tema, permitindo aprofundar e contextualizar de maneira objetiva.

Escrever por meio de trocas de experiências e vivências se torna mais prazeroso e propõem ao leitor a facilidade de entender o que realmente quer se proposto. É por meio do dia a dia, analisando e anotando que o estudo da pesquisa vai ganhando vida, observar ações do educador, do autista, do cotidiano escolar, das crianças, das famílias no meio educacional, é fundamental para tal abordagem de todo o tema, dando importância a cada discussão levantada durante a pesquisa.

E diante da veracidade das observações, os autores são responsáveis em aprimorar o traçado dessa pesquisa, permitindo ser baseado em teorias que fortaleça o que se deseja mostrar aos educadores e futuros pedagogos que se mobilizam a aprender e refletir sobre a prática dentro de sala de aula. As

leituras são valiosas para o processo de estudo da pesquisa, por meio delas, o tema vai ganhando forma, se articulando entre a prática e a teoria.

Os autores têm um grande papel para se resumir uma pesquisa, ele concretiza o que já vem sendo discutido entre um conteúdo e outro. Assim, a pesquisa esclareceu que o trabalho do educador é e deve ser baseado em aprofundamentos teóricos, estudando e buscando aprender no seu cotidiano escolar, estratégias e métodos que contemple a todos seus alunos de forma igualitária. Enfatizamos o quanto a educação precisa evoluir-se em muitas áreas, mas como profissionais jamais deixar que essa falta afete o trabalho importante oferecido na escola.

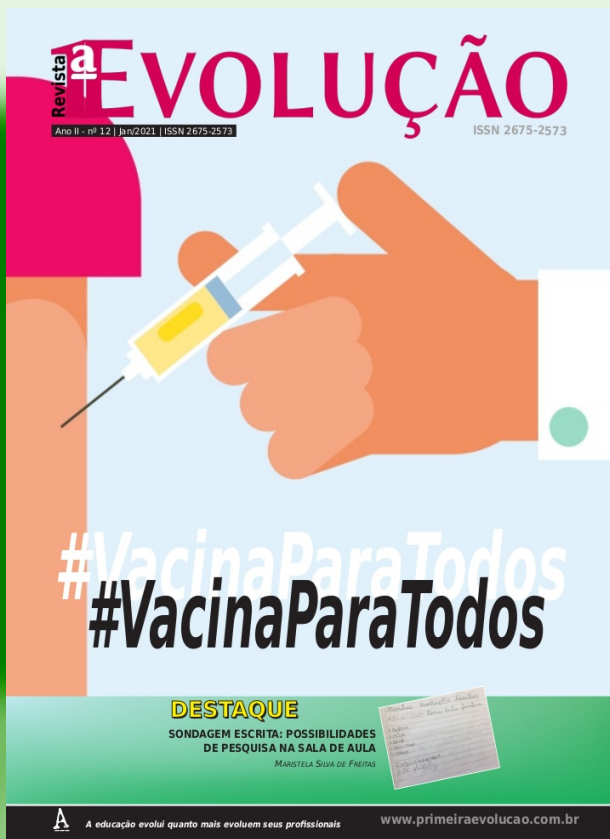
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, R. U. C. Educação Inclusiva na Educação Infantil. **Práxis Educacional**, vol. 8, n. 12 2012. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/735/708>.
- _____. CAPELLINI, V. L. M. F.; ZANATA, E. M. Projeto Político Pedagógico na perspectiva da educação inclusiva. In: CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. (Org.). **Recursos e estratégias pedagógicas que favoreçam a inclusão escolar**. Bauru: UNESP/FC (Coleção: Práticas educacionais inclusivas, v. 3), 2012, p. 15-47.
- CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CUNHA, A. E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak., 2012.
- DANIELS, H. Vygotsky e a pedagogia. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- GOMES, R. C.; NUNES, D. R. P. Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola comum: uma proposta de intervenção. In: **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 40, n. 1, p. 143-161, jan/mar. 2014
- MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5. ed. Brasília: Corde, 2007.
- MENDES, E. G. **Inclusão marco zero: começando pelas creches**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010.
- ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e Educação: interação social no cotidiano escolar**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.
- WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

**Kelly da Cruz Bianchini**

Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Anhanguera de Taboão da Serra, SP; Pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia pela Faculdade de Taboão da Serra, SP. Pós-graduação Lato Sensu em Práticas em Alfabetização e Letramento pela Escola Superior de Administração (HSM), Especialização em Arte, Educação e Terapia, pela Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação (FATECE), SP. Licenciatura em Letras pelo Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales, SP. Terapeuta Holística. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).





ORGANIZAÇÃO:
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Alexandre Passos Bitencourt
- Anna Carolyn Lima Kecek Ruiz
- Cleide Aparecida Costa
- José Jerônimo Cassumala
- Katia Aparecida Oliveira Costa
- Kelly da Cruz Bianchini
- Maria Vanuzia de Lima Santos
- Marcia Minami
- Maristela Silva de Freitas
- Vilma Maria da Silva



Edições
Livro Alternativo

Revista **1ª EVOLUÇÃO**

www.primeiraevolucao.com.br